
Os Maios de 1968: Juventude, Movimento Estudantil e Imprensa em Florianópolis e Paris

Alina Nunes¹Lara Lucena Zacchi²

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar aspectos comuns de duas diferentes faces do ano de 1968: a ditadura civil-militar brasileira e o maio de 68 francês. Como pontos análogos, destacam-se os movimentos estudantis nas universidades de Sorbonne/Nanterre, em Paris, e na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. Outro destaque de ambas as conjunturas é o papel da imprensa. Pretendemos mostrar como a imprensa, francesa ou brasileira, detém influência e capacidade de manipulação dos contextos sociais e políticos. Para permitir essa análise, por meio da História comparada, delimitamos como objeto de pesquisa jornais da cidade de Florianópolis do ano de 1968.

Palavras-chave: Ditadura Civil-Militar; Movimento estudantil; Maio de 1968; História comparada.

Abstract: The present paper aims to analyze the common aspects of two different faces of the year of 1968: the Brazilian civil-military dictatorship and the French May 1968. As similar points, we highlight the student movements at the Universities of Sorbonne/Nanterre, in Paris, and at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) in Florianópolis. Another point we find important of both conjunctures is the role of the press. We intend to show how the press, either the French or the Brazilian one, has influence and capacity to manipulate social and political contexts. In order to allow this analysis, through comparative history, we delimited as our object of research the 1968's newspapers from Florianópolis.

Keywords: Brazilian civil-military dictatorship; student movement; may 1968; comparative history.

Introdução

O ano de 1968 foi um ano de explosões em todo o mundo: a explosão era cultural e também por parte da repressão policial. A Europa vivia um momento cultural de extrema importância, com a Revolução Sexual, o movimento feminista e movimentos de vanguarda no cinema. A América Latina, por outro lado, vivia momentos de intensa repressão: a ditadura acontecia no Brasil, com a morte de Edson Luís no restaurante Calabouço recém ocorrida. A violência da ditadura era muito forte. No México, estudantes eram mortos dentro da Universidade pela violenta polícia mexicana. Havia um paralelo em comum marcante durante

1 Acadêmica do curso de graduação em História com habilitação em Bacharelado e Licenciatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: alinanunes2@gmail.com

2 Acadêmica do curso de graduação em História com habilitação em Bacharelado e Licenciatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: laralucenaz1@gmail.com



os maios de 1968: quem se mobilizava eram os estudantes. Mais do que isso, havia um cenário em comum: as Universidades.

É a respeito dos aspectos acima citados que esse artigo busca tratar, elucidando mais profundamente o ano de 1968 em seu contexto mundial, porém pensando principalmente em dois contextos em muito distintos e em muito semelhantes: o contexto da França e o contexto do Brasil. Pensando em temáticas como a explosão cultural europeia e a ditadura militar na América Latina – mais precisamente no Brasil –, o presente trabalho aborda a juventude e localiza a importância dos movimentos estudantis que estavam inseridos em Universidades, mesmo que essas fossem separadas por hemisférios ou oceanos.

Para realizar a pesquisa, nos utilizamos do método da história comparada, fazendo o recorte de duas conjunturas distintas em espaço, mas semelhantes em tempo: França e Brasil sob o contexto do maio de 1968. É necessário perceber essas conjunturas como realidades com estruturas culturais, econômicas e sócio-políticas próprias e singulares. Assim, trabalhar com a história comparada francesa e brasileira é, antes de mais nada, perceber o contexto e aparato estrutural francês do fim da década de 1960 tomando como ponto de referência os aspectos dos brasileiros, e vice-versa, percebendo-os como transformações de um mesmo modelo, onde semelhanças e diferenças se perpassam.³ Desta forma, pensa-se na função de uma história comparada, levando em consideração um problema destacado dentro das duas conjunturas recortadas:

A História Comparada consiste, grosso modo, na possibilidade de se examinar sistematicamente como um mesmo problema atravessa duas ou mais realidades histórico-sociais distintas, duas estruturas situadas no espaço e no tempo, dois repertórios de representações, duas práticas sociais, duas histórias de vida, duas mentalidades, e assim por diante. Faz-se por mútua iluminação de dois focos distintos de luz, e não por mera superposição de peças⁴.

A partir da metodologia utilizada, para que fosse possível o desenvolvimento desse artigo com o intuito de responder as demandas do problema de pesquisa, delimitamos como objeto de pesquisa o jornal catarinense *O Estado*. Nossa pesquisa foi realizada durante o ano de 2015, e o recorte de tempo definido para essa pesquisa foram os anos de 1964 até 1979. Para delimitarmos com mais profundidade a temática do presente trabalho, é importante

3 BARROS, José D'Assunção. História Comparada: Um novo modo de ver e fazer a História. *Revista de História comparada*, v.1 n.1, Rio de Janeiro, 2007. p. 5

4 Ibid., p. 24



considerar qual o alcance que o jornal tinha no estado de Santa Catarina: *O Estado* foi o jornal de maior circulação no estado de Santa Catarina, sendo publicado diariamente na capital, Florianópolis, durante os anos de 1915 a 2009, e, nesse período, circulou um total de 29.258 exemplares⁵. A partir desses dados, podemos perceber o significativo alcance que o jornal tinha sobre a população da época.

Sobre primaveras e outonos em maio

*“Podem cortar todas as flores,
mas não podem deter a primavera”
(Pablo Neruda)*

Rio de Janeiro, Cidade do México, Paris, Varsóvia, Praga. Primavera ou outono, os protagonistas do que ocorre nos meses de março, abril, maio e junho são os mesmos: os jovens estudantes universitários. Em 1968, muitos jovens, estivessem eles na Europa, na Ásia ou nas Américas, compartilhavam de uma grande crise existencial, essa resultante do contexto histórico em que estavam vivendo. Diversos eram os fatores que faziam com que os jovens da década de 60 observassem o futuro como algo dramático e apocalíptico, como por exemplo, a discussão da eminente bomba atômica, as ditaduras militares na América Latina, a crise no socialismo nos países do oriente e a guerra do Vietnã.

Allen Ginsberg, no icônico poema *beat* chamado *Uivo*, constrói uma imagem do que a juventude vivenciava: “eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus”⁶. Percebe-se, assim, a geração como um elemento de identidade, no qual indivíduos de uma faixa etária semelhante, e assim, contextos semelhantes, possuem ensejos, dores, sonhos e lutas em comum. A juventude, então, pode ser vista como “uma relação social que o jovem vivencia”⁷, partindo do pressuposto de que esta juventude é um estado – visto muitas vezes, e pejorativamente, como passageiro – em que o indivíduo utiliza como ferramenta de luta e mudança dentro de uma conjuntura sócio-política.

A juventude sentiu com muita força as marcantes movimentações que ocorreram durante a década de 1960. Os jovens vivenciaram a explosão de movimentos sociais, como o Movimento pelos direitos civis, encabeçado por Malcolm X, nos Estados Unidos, além da

5 Informação retirada do *Catálogo de Jornais Catarinenses 1831-2013*, da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

6 GINSBERG, Allen. *Uivo e outros poemas*. Tradução de Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 25.

7 BRISTOT, Lidia Schneider. *Mulheres no Movimento Estudantil de Florianópolis (1975-1979)*. Trabalho de Conclusão de Curso, (Graduação em História), UFSC, 2014. p. 22



problemática da liberdade sexual sendo intensamente debatida. Ainda, no Brasil, o movimento tropicalista começava a ganhar tom, em meio a debates contra a proposta de reforma universitária proveniente do acordo MEC-USAID⁸.

Segundo Olgária Matos (1998), a chamada Internacional estudantil⁹ não deixou de se manifestar em momento algum durante o ano de 1968. As imagens se repetem quer seja na Europa, na América Latina ou mesmo na Ásia, e as universidades são, pouco a pouco, tomadas, ocupadas¹⁰. Por todos os cantos há repressão: estudantes e operários são presos, mortos, torturados nos diferentes contextos do cenário mundial.

Dessa maneira, vale falar um pouco sobre o ponto em comum em todos esses cenários acima descritos, que é a universidade. Os contextos da situação da universidade eram distintos no Brasil e na França, mas acabavam por resultar em um mesmo ponto: uma crise universitária assolava as academias, fossem elas europeias ou latino-americanas. Pensando primeiramente no caso brasileiro, os sinais dessa crise já existiam desde antes do golpe civil-militar, mas, nos anos 1960, tornavam-se mais evidentes os problemas das universidades brasileiras: o método de ensino era arcaico, viciado no sistema de cátedras, os currículos eram ultrapassados e faltavam recursos como bibliotecas ou mesmo livros. Durante o governo de João Goulart, inspirados pelas reformas de base do presidente, o movimento estudantil iniciou a pautar a questão da necessidade de uma reforma universitária. Em 1962, os jovens estudantes paralisaram todas as universidades do país em greve geral, demonstrando que o meio estudantil tinha força política para encabeçar mudanças nas antiquadas universidades brasileiras¹¹.

Diferentemente do Brasil, a crise nas universidades francesas trouxe à tona a discussão acerca do papel da universidade no capitalismo moderno. Segundo Filho (1996), os jovens

8 Esses acordos, que acabaram resultando na Reforma Universitária, foram estabelecidos entre o Ministério da Educação (MEC) do Brasil e a United States Agency for International Development (USAID). Os acordos objetivavam a reforma do ensino básico brasileiro de acordo com critérios determinados pelos Estados Unidos.

9 A autora cunha o termo “Internacional estudantil” fazendo referência à Internacional Situacionista, movimento político e artístico que previa a superação da arte meramente estética, transformando-a em política. Um nome marcante desse movimento foi o de Guy Debord, que publicou o livro “Sociedade do Espetáculo” em 1967. Durante o maio de 1968, repercutiu um panfleto situacionista intitulado “A miséria do meio estudantil”, que criticava o capitalismo moderno e salientava as novas resistências revolucionárias perante àquele. As ideologias situacionistas não se circunscreveram à França, mas repercutiram pela Europa como um todo, chegando à Ásia e até mesmo à América. É nesse sentido que a autora utiliza o termo “Internacional estudantil”: durante o ano de 1968, alguns dos ideais pelos quais os estudantes lutavam tinham semelhanças e um ponto em comum, e, assim como a atuação da Internacional Situacionista, a propagação desses ideais não se limitava às fronteiras dos países ou mesmo dos continentes.

10 MATOS, Olgaria C. F. *Paris 1968: As Barricadas do Desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1998, p. 35

11 MARTINS FILHO, João Roberto. *Rebelião Estudantil: México, França e Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p. 72-73

franceses sentiam uma grande frustração nos momentos que antecederam o maio de 1968, e as discussões sobre os impasses da universidade na sociedade capitalista eram cada vez maiores. Movimentos culturais davam tom a isso: Jean-Luc Godard, ao produzir o filme *A Chinesa*, em 1967, suscitou amplos debates sobre as clássicas e imutáveis grandiosas academias francesas, como a Sorbonne, onde o conservadorismo do corpo docente impedia as tentativas de modernização demandada pelos estudantes¹². Assim, segundo Souza (1999), “a universidade era percebida pelos estudantes e pela sociedade como um lugar onde o conhecimento permitia o domínio sobre os acontecimentos”¹³. Por isso, o palco das principais revoltas contra os sistemas políticos, sociais e culturais foi a universidade: a sociedade reconhecia e legitimava o papel da universidade enquanto detentora de produção de conhecimento.

Imprensas em Paris e Florianópolis

Sabe-se que a mídia se tornou, com o tempo, um fator de extremo poder, capaz de manipular e reverter diversas situações políticas e sociais. No Brasil, por exemplo, a grande imprensa serve como um dos elementos de consolidação e manutenção dos interesses dominantes. Este aspecto é igualmente perceptível no período da ditadura militar brasileira, onde a “grande mídia burguesa” era, majoritariamente, utilizada como objeto de manipulação, enquanto as formas de mídias alternativas eram silenciadas e censuradas. Ao estudar a presença da imprensa na ditadura militar brasileira, fica claro que manipulação midiática não se exerce apenas através da distorção dos fatos, mas também do silenciamento desses.

O aparato midiático do ano de 1968 francês não se distancia muito do brasileiro. Havia uma grande tentativa de controle e censura por parte do Estado, porém, no maio francês, as mídias alternativas tiveram um grande alcance sobre a população, deixando uma herança bastante significativa na sociedade francesa. Os meios de comunicação e linguagem foram revolucionados e se tornaram um grande apoio na luta pelo enfraquecimento do sistema vigente.

Um recurso de grande impacto e importância nesta conjuntura foi o rádio. Em Paris, durante o maio de 1968, as estações de rádio transmitiam ao vivo os conflitos nas barricadas

12 MARTINS FILHO, João Roberto. *Rebelião Estudantil...* p.77

13 SOUSA apud BRISTOT, Lidia Schneider. *Mulheres no Movimento Estudantil de Florianópolis (1975-1979)*. Trabalho de Conclusão de Curso, (Graduação em História), UFSC, 2014. p. 24.



do *Quartier Latin*¹⁴. Na noite do dia 10 de maio, o rádio se tornou, de forma espontânea e não intencional, um recurso de ação do movimento estudantil, estopim necessário para incitar entre os trabalhadores o sentimento da batalha, e assim, impulsionando um desejo de luta e, em especial, a greve trabalhista¹⁵.

Ainda considerando a conjuntura que levou ao maio de 68 francês, a censura sobre a imprensa por parte do Estado era fortemente exercida. Em 1963, foi criado um meio institucional que controlava e coordenava as informações governamentais antes de serem emitidas para a população.¹⁶ Assim, no contexto da década de 1960, o presidente da república Charles de Gaulle controlava e manipulava quaisquer notícias, assim como censurava ou determinava o momento em que estas deveriam se tornar públicas. Havia, ainda, a censura em forma do *carré blanc*¹⁷ sobre emissões de algumas notícias. Essa censura se dava por meio de uma imagem de um quadrado branco que servia como uma espécie de tarja sobre conteúdos julgados impróprios.

Assim que os movimentos estudantis do maio de 1968 iniciaram, a censura e a repressão já penderam sobre os mesmos. Foram censurados todos os meios de comunicação que fizessem alusão ou mostrassem algum aspecto das agitações estudantis francesas¹⁸. Dessa forma, o governo tentava silenciar os movimentos estudantis. Porém, as mídias e formas de comunicações alternativas não se calaram. Pelo contrário: se fortaleceram e consolidaram o movimento. O contexto da luta estudantil e trabalhista era de greve e de contínuos protestos. Uma das pautas fortes desta luta era contra a censura e a falta de liberdade de imprensa, sendo a favor da “objetividade da informação”¹⁹. Como resistência, então, houve a criação de uma imprensa estudantil e trabalhista, como uma alternativa à mídia a serviço da classe dominante.

Sendo assim, surgiu, dentro das movimentações do maio de 1968, o hábito da distribuição de panfletos nos arredores das universidades, fábricas e ruas, com o intuito de alcançar e dialogar de forma didática com a população. Outra forma de verbalizar os acontecimentos do maio foi a partir da utilização de pichações e *slogans* nos muros da cidade, esses servindo para dar voz a muitos que vinham sendo calados. Além disso, estabeleceu-se

14 HAGEMeyer, Rafael Rosa. *Movimento Estudantil de 68: imagens da Paixão*. Dissertação (Mestrado em História), UFPR, 1997. p.20

15 THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. In: *Tempo Social*, São Paulo, 1998. p.74

16 BADENES, Patricia Salazar. Affiches y pintadas: la verdadera revolución del Mayo francés del 68. *Dossiers feministas*, v.12, 2008. p. 124

17 Tradução livre: Quadrado branco.

18 BADENES, Patricia Salazar. Affiches y pintadas... p. 125

19 THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris... p.74



uma relação com a população que caminhava pelas ruas de Paris. Outro recurso de imprensa alternativo que marcou o movimento foram os cartazes do maio de 68. Esses eram produzidos a mão ou através da serigrafia, e estrategicamente pensados e posicionados pela cidade. Expressões como *Brisons les vieux engrenages*²⁰ e *La beauté est dans la rue*²¹ eram manifestadas como um meio de resistência às antiquadas e sólidas estruturas sócio-políticas e culturais francesas. Os jovens de 1968 faziam da arte, resistência.

A presença dos jornais, que eram lançados pelos comitês de bases e ação das universidades, foi muito importante ao movimento de 1968. Muitos jornais foram efetivos, enquanto outros não conseguiram se manter por tanto tempo, como foi o caso dos jornais *Action* e *L'enragé*. Além disso, outra forma dos jovens expressarem suas ideias foi a partir das chamadas “folhas volantes”, como o exemplo da *Vantimite*, e de revistas, como a *Cahiers de Mai*²². Esta última ficou bastante conhecida, principalmente por sua *legibilidade*, expressando relatos de gravações de fala dos participantes do movimento, como os trabalhadores, permitindo assim, um “estilo vivo e concreto”²³. Destaca-se também a presença de recursos visuais como a fotografia e as Histórias em Quadrinho, que foram utilizadas como apoio nas lutas dos jovens do movimento de maio de 1968.

Pensando no contexto da imprensa brasileira, é a partir deste mesmo ano de 1968, com a consolidação da Lei de Imprensa de 1967, que a censura contra redações de jornais e mídias as quais se posicionassem favoráveis aos movimentos estudantis se torna maior. Também, há a presença de uma “polarização de imprensa”²⁴ em relação ao embate que cresce na década de 1968: de um lado, a luta dos movimentos estudantis, e, de outro, a repressão do governo, e, conseqüentemente dos militares. Evento este que ocorreu logo após a morte do estudante Edson Luís.

Um exemplo da influência da imprensa citado por Maria Ribeiro do Vale (2008) seria o embate entre os jornais da *Correio da Manhã* contra o jornal *Visão*, ambos publicados no Rio de Janeiro. O primeiro, conhecido por *CM*, demonstrava ser favorável aos movimentos estudantis, enquanto o segundo, ao governo. Frente a diversos episódios dos anos finais da década de 1960, os dois jornais se posicionaram de formas diferentes, mostrando uma parcela

20 Tradução Livre: Quebrem as velhas engrenagens.

21 Tradução Livre: A beleza está nas ruas.

22 THIOLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris... p. 75

23 Idem.

24 VALLE, Maria Ribeiro do. A imprensa enquanto ator nos episódios estudantis de 1968. *Revista de Ciências Sociais Mediações*, Londrina, v.13, nº1-2, 2008, p. 2

da já comentada polarização da imprensa. Para ilustrar um pouco desta situação, é citado o episódio da morte do estudante Edson Luís e como ambos os jornais se posicionaram frente a esta tragédia. No caso, ambos julgaram a ação policial como irresponsável e violenta. Porém, o jornal *CM*, enxerga todo o aparato civil que luta ao lado do militar contra os estudantes²⁵. Já o outro jornal, condena não só a polícia, mas também o movimento estudantil, afirmando ser este tão violento quanto, e, assim, tentando tirar a culpa do governo²⁶.

Pensando de maneira mais circunscrita ao estado de Santa Catarina, questionamo-nos sobre o que ilustrava a imprensa catarinense durante a ditadura civil militar brasileira. Assim, nossa pesquisa decaiu sobre o jornal *O Estado*, famoso instrumento midiático da região. Este teve seu início em 1915 e, desde essa época, foi ligado a interesses político-partidários, tendo sido fundado por comerciantes e controlado por ministros²⁷. Na época analisada em nosso trabalho – fim dos anos 1960 – o jornal se colocava explicitamente ao lado da ARENA²⁸, e, igualmente, sustentáculo do regime civil militar. Entretanto, o jornal *O Estado* não foi o meio de comunicação preferido pelo governo militar em Santa Catarina, a preferência era a aliada RBS – Rede Brasil Sul²⁹.

Somos o futuro do Brasil e eles nos matam: o assassinato de Edson Luís e o movimento estudantil na UFSC

Eram 18h20min do dia 28 de março de 1968. Caía ao chão do restaurante Calabouço o corpo de Edson Luís Lima Souto, que, segundos antes, respirava vida, do alto de seus 17 anos. O menino paraense estava no Rio de Janeiro para estudar para o vestibular. Foi o primeiro estudante morto pelas mãos da ditadura militar no Brasil. O Rio de Janeiro parou, e, segundo Filho³⁰, o enterro do menino “mostrara o potencial de mobilização juvenil e de ampliação da simpatia ao seu movimento”, já que pelo menos 50 mil pessoas seguiram a procissão fúnebre de Edson. Na imprensa, as matérias que seguiram às do assassinato do jovem deflagravam “crise estudantil”. Não por menos, os estudantes ocuparam as ruas do

25 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p.12, 29 mar. 1968.

26 *Visão*, Rio de Janeiro, p. 21, 12 abr. 1968.

27 BUDDE, Leani; VAZ, Alexandre Fernandez. Jornalismo e ditadura em Florianópolis: sobre o jornal O Estado. *Estudos em Jornalismo e Mídia* (UFSC), v. 11, 2014. p. 193

28 Aliança Renovadora Nacional

29 BUDDE, Leani; VAZ, Alexandre Fernandez. Jornalismo e ditadura em Florianópolis... p. 192

30 MARTINS FILHO, João Roberto. *Rebelião Estudantil: México, França e Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p. 17



Brasil inteiro em luto e protesto. No dia 4 de maio, a Igreja da Candelária daria lugar a uma das manifestações mais importantes da ditadura civil-militar brasileira. Ao fim da missa de sétimo dia de Edson Luís, a cavalaria da Polícia Militar atropelou estudantes sem piedade.

O mês de maio definitivamente não foi tranquilo no ano de 1968. Antes da missa de sétimo dia, no primeiro de maio, estudantes militantes de esquerda organizaram-se na Praça da Sé, em São Paulo, e subverteram por alguns minutos a comemoração oficialista do Dia do Trabalhador. Pouco a pouco, chegaram operários de várias cidades, inclusive o grupo sindicalista de Osasco. O presidente da semiclandestina UNE, Luís Travassos, tinha o megafone em mãos. Na praça, ouviam-se gritos de “ditadura assassina”³¹. Dali, seguiu uma passeata que ataca a sede do Citibank. No mesmo dia, em Contagem, em Minas Gerais, deflagrou-se uma greve geral de mais de 16 mil trabalhadores³². Nada disso apareceu na imprensa.

O assassinato de Edson Luís, quase no aniversário de quatro anos do golpe militar, foi apenas o ápice da violência do regime ditatorial, que já atuava de maneira atroz desde seus primeiros minutos de existência. Segundo Moretti (1984), em um primeiro momento, a ditadura militar desarticulou completamente o movimento estudantil em Florianópolis. Na madrugada do golpe, a União Catarinense dos Estudantes (UCE) teve sua sede invadida e seus arquivos destruídos. Além disso, ainda em 1964, foi assinada a Lei Suplicy, que substituiu a UNE pelo Diretório Nacional dos Estudantes (DNE), as Uniões Estaduais pelos Diretórios Estaduais dos Estudantes, os Centros Acadêmicos pelos Diretórios Acadêmicos, além de criar o Diretório Central dos Estudantes (DCE). A partir da lei, esses órgãos eram proibidos de manifestarem-se a favor de greves ou de promoverem propaganda político-partidária. Basicamente, o movimento estudantil foi colocado sob tutela do regime ditatorial³³. Entretanto, ainda segundo o autor, “a Lei Suplicy apresentou, contudo, um grande mérito: o de remontar o esquema da ação política dos estudantes contra o regime militar”³⁴. Assim, os estudantes contavam com uma tática política que se utilizava de um instrumento legítimo para promover ações consideradas ilegítimas. Um outro fator que causava muito tumulto nos meios estudantis foi a Reforma Universitária, provinda do acordo MEC-USAID, que, além de ser um tentáculo imperialista nas universidades brasileiras, era uma reforma seletiva, criando uma gama de estudantes “excedentes” dentro da Universidade após os anos do ciclo básico.

31 MARTINS FILHO, João Roberto. *Rebelião Estudantil...* p.41

32 Ibid., p.42

33 MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1984, p. 88

34 Ibid., p. 88



A eleição de Heitor Bittencourt Filho, da chapa “Terceira Força” do DCE, em 1967, marcou um novo momento político nessa entidade. Segundo Heitor Bittencourt, entrevistado por Vargas (2016), “havia apoio silencioso e prudente à nossa atividade”, já que os estudantes da UFSC eram vistos como aqueles que lutavam contra o imperialismo e lideravam a luta pela redemocratização³⁵.

O ano de 1968 não passou batido dentro da UFSC. A morte de Edson Luís foi o que fez com que “os estudantes passassem da radicalização das palavras à radicalização dos atos”.³⁶ Segundo Derlei Catarina de Luca, também entrevistada por Vargas (2016), “quando mataram o Edson Luís, a gente se reuniu no DCE. [...]. Passamos a noite fazendo folhetos, fizemos várias manifestações. O Instituto de Educação parou, a universidade parou. Parou tudo”³⁷. Assim sendo, as manifestações de repúdio ao assassinato da morte de Edson Luís tiveram força graças à espontaneidade – peça chave para entender a explosão estudantil em 1968. O DCE da UFSC, indo contra a Lei Suplicy, decretou greve por três dias. O último dia da greve era o aniversário do golpe: as ruas de Florianópolis foram tomadas por estudantes da UFSC. Apesar de Moretti (1986) considerar que as manifestações de repúdio à ditadura militar em Florianópolis não tenham sofrido repressão³⁸, o presidente do DCE, Hélio Bittencourt Filho, havia sido preso na noite anterior da manifestação pelo DOPS.

Figura 1: Jornal “O Estado”, 31 de março de 1968



35 VARGAS, Mateus Bandeira. *Dossiê UFSC: As ações da ditadura na Universidade Federal de Santa Catarina*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), UFSC, 2016. p.59

36 MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil...* p. 94

37 VARGAS, Mateus Bandeira. *Dossiê UFSC...*, p. 60

38 MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil...* p. 96

Fonte: Estudantes decretam greve geral na UFSC. *O Estado*, Florianópolis, p. 1, 31 mar. 1968.

Na perspectiva do movimento estudantil enquanto forte confrontador do regime militar, “objetivando denunciá-lo e desgastá-lo”³⁹, no dia 29 de maio de 1968 outra greve foi deflagrada na UFSC. Encabeçada pelos estudantes de medicina, o que ocasionou essa mobilização, foi a nova política de retenção de verbas do MEC e os contratos de locação da Casa do Estudante que o reitor David Ferreira Lima havia firmado com a empresa Daux. Esses contratos colocavam o preço da moradia estudantil 40% acima do índice médio da cidade⁴⁰. Lutar contra a imposição arbitrária desse contrato era lutar contra políticas do regime militar, e, por isso, os estudantes encabeçaram uma forte greve, que durou onze dias, durante os quais houve diversas passeatas pelo centro da cidade.

Nesses momentos, a juventude universitária “exprimiu a repugnância da geração jovem à estrutura educacional reacionária e distante dos interesses da grande maioria dos brasileiros, que o governo sustentava”⁴¹. Com o fim da greve, a atenção foi voltada à UFSC, que recebeu verba federal e rescindiu os contratos da Casa do Estudante, além de disponibilizar para estudantes bolsas moradia.

A greve geral da UFSC que visava desgastar a maneira a qual a ditadura agia dentro da universidade demonstrava que os estudantes estavam sim em diálogo: a Internacional estudantil existia. Diversos são os fatores para compreender as relações entre Paris e Florianópolis, e elas ficam claras na manchete d’O Estado “os estudantes não mandam flores”. Ao mesmo tempo em que as ocupações na Sorbonne e os choques no *Quartier Latin* aconteciam com toda a intensidade, os estudantes florianopolitanos ocupavam as ruas do centro da cidade protestando contra a ditadura, o MEC e a Reitoria da UFSC.

39 MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil...* p. 96

40 MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil...* p. 97

41 Idem.



Figura 2: Jornal “O Estado”, 2 de junho de 1968



Fonte: Os Estudantes não mandam flores. *O Estado*, Florianópolis, p. 7, 2 jun. 1968.

Sendo assim, é notável que as mentes agitadas dos estudantes brasileiros não deixaram de perceber nem por um instante a importância do maio de 1968 francês no contexto mundial de mobilização estudantil. Além disso, os jovens que, com força, já se articulavam enquanto resistência à ditadura civil-militar, foram influenciados pelas mobilizações primaveris francesas. Segundo João Roberto Martins Filho (1996), as notícias do maio francês tensionaram ainda mais as relações entre os jovens estudantes e o regime ditatorial. Ainda segundo Filho, em junho de 1968, o vice-presidente da UNE, Luís Raul Machado, declarou que o governo brasileiro poderia ficar tranquilo: o que aconteceu em maio na França não aconteceria no Brasil. Seria muito pior⁴².

Dessa forma, os questionamentos trazidos à tona pelos estudantes europeus também entraram como pauta de discussão nos meios estudantis brasileiros. Questionavam-se os

42 MARTINS FILHO, João Roberto. *Rebelião Estudantil: México, França e Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p.68

estudantes acerca da abertura da universidade aos trabalhadores e sobre a profissionalização do ensino. Também se falava sobre a dinamização das atividades universitárias, questões essas igualmente discutidas do outro lado do oceano atlântico⁴³.

Sorbonne/Nanterre: as barricadas fecham as ruas e abrem os caminhos.

Sexta-feira, 3 de maio de 1968, perto do meio-dia. Os estudantes da Nanterre se reuniam em assembleia na Universidade Sorbonne, no *Quartier Latin*, em Paris. Estavam presentes nessa assembleia a União Nacional dos Estudantes da França (UNEF), o Movimento de Ação Universitária e o Movimento 22 de março, cerca de 200 pessoas. A polícia francesa adentra a universidade, interrompe a assembleia e tenta levar, em camburões, os estudantes reunidos na Sorbonne. Mas os estudantes não mais aceitam as ordens do velho sistema. Algumas horas depois, às 17 horas, pelo menos três mil jovens manifestavam-se aos arredores da Universidade, sob ataques da extrema direita e chuvas de bombas de gás e cassetetes por parte da polícia. A resistência cresce, e à noite, as primeiras barricadas de carros tombados misturados a paralelepípedos fecham as ruas do *Quartier Latin*⁴⁴. Inaugura-se, assim, o maio de 1968.

O que ocorreu na França em 1968 era inesperado: o país parecia estável política, militar e economicamente. Durante as décadas de 1950 e 1960, ocorreu ampla industrialização do país, que de majoritariamente rural tornou-se majoritariamente urbano⁴⁵. Sendo assim, para entender a enorme mobilização primaveril francesa, não basta compreender a urbanização ou a guinada econômica do país. A questão aqui é outra: “os estudantes (...) recusam-se à vida burguesa, medíocre, reprimida, opressiva (...); eles não procuravam se integrar o mais rapidamente possível na vida adulta, mas representavam sua contestação radical”⁴⁶. Desse modo, as mobilizações, que acabaram por fugir do escopo estudantil e atingir operários de todo o país, tratavam-se da recusa das velhas engrenagens da sociedade francesa, negando as autoridades já há séculos pré-estabelecidas. O maio francês foi a vocalização da recusa ao conservadorismo e o puritanismo que controlavam a imprensa, a

43 Ibid., p. 69

44 Ibid., p.12

45 Ibid., p.31

46 MATOS, Olgaria C. F. *Paris 1968...* p. 55



universidade, a família. A influência da Internacional Situacionista fez com que os jovens questionassem a alienação das pessoas perante à sociedade do espetáculo e do consumo⁴⁷.

Mesmo após a condenação do conservadorismo que perdurava-se na velha sociedade francesa, a universidade permaneceu estática. Os professores nem mesmo conversavam sobre a agitação que assolava os jovens de mentes inquietas. Só restava uma solução: a luta deveria sair dos muros da universidade, deixando de ser meramente um confronto cultural e universitário, mas se tornando uma causa social e política⁴⁸. Assim,

A rebelião estudantil tem quase sempre o mesmo ponto de partida: uma passeata que desfila pela universidade ou pelas ruas por razões estritamente universitárias e esbarra com a polícia. Os enfrentamentos que se produzem são mais ou menos violentos, dependendo da utilização do arsenal que as forças repressivas têm a sua disposição, desde o cassetete até o gás lacrimogêneo, tanques, bazucas, armas de fogo, etc. Segundo o país, a amplitude e profundidade da revolta, a polícia mobiliza suas armas⁴⁹.

Dessa maneira, fica explícito que a revolta estudantil tinha razões muito mais profundas do que uma mera crise da universidade. O maio de 1968 francês revelou uma crise cultural profunda⁵⁰. Por isso, não foi difícil para os estudantes franceses conquistarem o apoio dos operários de todo o país. No dia 13 de maio de 1968, os sindicatos organizam-se, finalmente, em solidariedade aos estudantes, e é deflagrada greve geral pelas 24 horas que seguiram. A partir de então diversas greves espontâneas explodiram por toda a França, que paralisa por completo. Cerca de 10 milhões de pessoas mobilizaram-se nesse período⁵¹. Dessa maneira, segundo Olgaria Matos (1998), “a insurreição estudantil fez entrar em cena uma massa politicamente desorganizada, mas animada e de extrema combatividade”⁵², um novo papel elencado à juventude francesa de 1968.

Em 1968, o que aconteceu foi a renúncia generalizada das autoridades que centralizavam e monopolizavam o poder em suas mãos, significasse isso as “velhas engrenagens” francesas ou o aparato da ditadura civil-militar no Brasil. Os maiores de 1968 evidenciaram a possibilidade de mobilização de uma parte da sociedade que, pelas lentes da luta de classes, não se enquadrava nem na burguesia e nem no proletariado. A mobilização

47 GOHN, Maria da Gloria. Maio de 68 na França e a Teoria social Contemporânea. In: Encontro Anual da ANPOCS, 2008, Caxambú. *Anais do Encontro Anual da XXX ANPOCS*. São Paulo: ANPOCS, 2008, p. 5

48 Ibid., p.8

49 MATOS, Olgaria C. F. *Paris 1968...* p.23

50 MARTINS FILHO, João Roberto. *Rebelião Estudantil...* p. 66.

51 MATOS, Olgaria C. F. *Paris 1968...* p. 73-74

52 Ibid., p. 83



dessa parcela da juventude, em 1968, abriu uma nova possibilidade de interpretação da história⁵³.

Considerações Finais: toda a imprensa é tóxica⁵⁴

O movimento estudantil, os protestos, as greves, a juventude, a universidade, a imprensa manipuladora, os maiores, o 1968. A discussão de todos esses conceitos no contexto político atual brasileiro é crucial para nós. Infelizmente, assim como na década de 1960, a imprensa brasileira ainda serve aos interesses daqueles que estão no poder, e, por causa disso, os estudantes seguem muito mais capazes de contestarem do que de vencerem, ou, como diria Olgária Matos (1998) “o desejo revolucionário será muito mais marcante do que a situação revolucionária”⁵⁵.

Ainda hoje, a classe hegemônica no poder lida com a expressão dos desejos revolucionários da juventude de uma única maneira: os reprime. É o caso do massacre de Iguala, no México, no qual, em 2014, 43 estudantes foram assassinados e seus corpos desapareceram após um conflito com a polícia. Dois anos depois, ainda não está claro o que ocorreu verdadeiramente com esses estudantes. Os estudantes da Escola Normal Rural Raul Isidro Burgos organizavam-se em um protesto contra decisões discriminatórias por parte do governo de Guerrero, e, além disso, pediam verbas e transporte para viajarem até a Cidade do México, na qual ocorreria um protesto marcando o aniversário do Massacre de *Tlatelolco*, ocorrido em 1968, quando entre 200 e 300 estudantes foram mortos pela polícia durante um protesto. Os estudantes foram vistos pela última vez sendo postos dentro de viaturas policiais⁵⁶. A imprensa mexicana, defensora dos interesses dos grandes nomes envolvidos no massacre, ficou-se em silêncio por algum tempo.

Sem a necessidade de transportarmos-nos até o México, podemos pensar nos protestos de 2016, no Brasil. A grande imprensa continua sendo parcial tal qual era durante a ditadura civil-militar. Sendo assim, é escolhido, com base em interesses próprios, o que deve ou não virar notícia. No corrido ano de 2016, vimos a grande mídia enaltecer alguns protestos e

53 MATOS, Olgária C. F. *Paris 1968...* p. 86.

54 Tradução livre de “toute la presse est toxique”, frase presente em cartaz produzido durante as movimentações do maio de 1968, no Ateliê Popular da Escola Superior de Belas Artes de Paris.

55 MATOS, Olgária C. F. *Paris 1968...* p.21

56 México confirma massacre de estudantes por polícia e gangue. *BBC*: online. 8 de novembro de 2014. <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141108_mexico_confessa_fd>. Acesso: 11 outubro 2016.



difamar outros, construindo de maneira manipulativa uma forte opinião pública. Por causa disso, majoritária parte da população brasileira, que é bombardeada diariamente pelos discursos da imprensa, foi moldada a crer que os recentes protestos que envolvem a presença de estudantes, sejam eles secundaristas ou universitários, não são legítimos.

Não é só a organização estudantil que tem traços de uma herança da ditadura civil-militar: o aparato policial que reprime com brutalidade os e as estudantes também é filho da ditadura. Igualmente, a grande imprensa brasileira segue agindo de forma manipuladora, respondendo às demandas das grandes estruturas de poder, como o anteriormente analisado ano de 1968. Assim, ainda cabe ao movimento estudantil a resistência, não se tornando meros instrumentos da classe dominante.

Referências

BADENES, Patricia Salazar. *Affiches y pintadas: la verdadera revolución del Mayo francés del 68. Dossiers feministes*, v.12, pp. 121-136. 2008.

BARROS, José D'Assunção. *História Comparada: Um novo modo de ver e fazer a História. Revista de História comparada*, v.1 n.1, Rio de Janeiro, 2007

BRISTOT, Lidia Schneider. *Mulheres no Movimento Estudantil de Florianópolis (1975-1979)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), UFSC, 2014.

BUDDE, Leani; VAZ, Alexandre Fernandez. *Jornalismo e ditadura em Florianópolis: sobre o jornal O Estado. Estudos em Jornalismo e Mídia* (UFSC), v. 11, p. 191-202, 2014.

GINSBERG, Allen. *Uivo e outros poemas*. Tradução de Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GOHN, Maria da Gloria. *Maio de 68 na França e a Teoria social Contemporânea*. In: Encontro Anual da ANPOCS, 2008, Caxambú. *Anais do Encontro Anual da XXX ANPOCS*. São Paulo: ANPOCS, 2008.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. *Movimento Estudantil de 68: imagens da Paixão*. Dissertação (Mestrado em História), UFPR, 1997.

MARTINS FILHO, João Roberto. *Rebelião Estudantil: México, França e Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1996

MATOS, Olgaria C. F. *Paris 1968: As Barricadas do Desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MORETTI, Serenito A. *Movimento estudantil em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1984.



VALLE, Maria Ribeiro do. A imprensa enquanto ator nos episódios estudantis de 1968. *Revista de Ciências Sociais Mediações*, Londrina, v.13, n°1-2, p.74-86, Jan/Jun e Jul/Dez. 2008.

VARGAS, Mateus Bandeira. *Dossiê UFSC: As ações da ditadura na Universidade Federal de Santa Catarina*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), UFSC, 2016.

Recebido em 19 de dezembro de 2016

Aceito para publicação em 01 de fevereiro de 2017

